

O USO DA TECNOLOGIA DIGITAL NAS ESCOLAS

Bábila Sabrina Vian Sartori¹

RESUMO: A tecnologia digital na educação requer um novo olhar, envolvendo diferentes formas de ensinar e aprender direcionadas à sociedade atual, a qual deseja inserir-se no grupo de pessoas que busca alternativas para tentar entender e aprender a usar a tecnologia a seu favor. Há uma preocupação com o ensino de qualidade mais do que com educação de qualidade. A tarefa de um docente é auxiliar os educandos a construir e ou reconstruir o conhecimento de forma ativa, cooperativa, colaborativa e argumentativa. A tecnologia na educação não significa apenas disponibilizar computadores às escolas, mas assegurar que o profissional da educação seja co-autor no processo ensino-aprendizagem.

PALAVRAS-CHAVE: Aprendizagem. Motivação. Conexionismo. Tecnologia Digital.

ABSTRACT: Digital technology in education requires different perspectives regarding different teaching and learning methods directed to real society. Such society wants to be part of the group of people that search alternatives to try to understand and learn the use of technology in their behalf. There is greater concern with the quality of teaching than quality of education. Teacher's task is to help students to build and rebuild knowledge in an active, cooperative, collaborationist and argumentative way. Technology in education doesn't mean computers in the schools, but offer to the educational professionals possibilities to be co-authors on the teaching process.

KEYWORDS: Learning. Motivation. Connexionism. Digital Technology.

1 Introdução

Este estudo tem como objetivo apresentar uma reflexão sobre como o aluno pode aprender uma língua estrangeira com o auxílio da tecnologia digital. Considerando que vivemos a emergência das novas tecnologias da informação e da comunicação; surge a possibilidade de introdução destas nos meios educacionais, dentro de uma realidade de globalização, e, da necessidade de mudanças no ensino-aprendizagem de uma língua estrangeira. Um dos desafios do professor no processo

¹ Graduada em Letras Habilitação Português/Inglês pela Unisc e Especialista em Linguagem, Ensino e Tecnologias pelo Centro Universitário Univates.

educacional é envolver o aluno com a tecnologia digital, a fim de que o mesmo seja participante do processo pedagógico; motivá-lo para que ocorra uma aprendizagem eficaz e oportunizar estratégias de comunicação e de escrita.

À escola e ao professor não se limita a mera transmissão de conhecimento, mas sim a função de desenvolver a construção deste, usando as múltiplas e variadas modalidades de informação disponíveis, fazendo com que os alunos recebam estímulos positivos, os quais facilitam o estabelecimento de conexões neuronais. Dessa forma, o professor orienta o processo de aprendizagem, estimulando a pesquisa e o saber. O paradigma conexionista reforça a aprendizagem de uma segunda língua como resultado do ajuste das sinapses entre os neurônios no cérebro. Portanto, a aprendizagem está ligada à habilidade meta cognitiva através do estabelecimento de novas conexões neuronais.

A tecnologia digital é uma ferramenta que possibilita a construção do conhecimento de forma interativa, produtiva e eficaz, porque oferece outros mecanismos além do papel. Deste modo, o computador passa a ser uma ferramenta complementar de aprendizagem de língua estrangeira. A gramática e o vocabulário são vistos como fonte de consulta e não tópicos estudados isolados de contextos.

Urge a necessidade dos aprendizes de língua estrangeira serem estimulados a aprender, buscar e desenvolver habilidades intelectuais no processo ensino aprendizagem. As atividades realizadas em sala de aula de língua estrangeira são importantes e determinantes para alcançar os objetivos propostos. O computador pode ser uma ferramenta que potencializa o alcance destes objetivos, através da liberdade de expressão, do gosto pelo trabalho criativo e dinâmico, a fim de construir um ambiente cognitivo, através da tecnologia digital mediadora do conhecimento.

2 Motivação: relevante para a aprendizagem de uma língua estrangeira

Ao mencionar motivação, surgem questionamentos, cujas respostas vão sendo descobertas ao longo do trabalho do professor em sala de aula, já que a motivação pode influenciar a aprendizagem durante as aulas de língua estrangeira. Sabe-se da dificuldade de se obter receita para motivar os estudantes, bem como o fato de que a motivação não é ensinada, treinada, nem considerada uma habilidade ou um conhecimento. De certa forma, existem estratégias de ensino que podem incrementar, orientar ou consolidar a motivação dos alunos. Neste caso, o papel do professor inclui mostrar aos alunos que estudar e aprender podem ser atividades divertidas.

Decorrente disso surge os questionamentos: será que a motivação está presente nas aulas de língua estrangeira? Será que os alunos estão realmente motivados para aprendê-la? Na maioria das vezes, a culpa recai sobre os alunos ou para os professores. Se os alunos não apresentam um bom desempenho escolar, a culpa recai sobre o professor. O professor, entretanto, acredita ser o aluno o responsável pelo seu fracasso, o qual pode decorrer por motivos familiares, por desinteresse, falta de estudo e falta de atratividade. Desta forma, ambos os personagens se questionam a fim de saber como se conseguiria mudar este quadro já que

é essencial que o espaço da sala de aula seja o espaço da discussão, da oposição, das divergentes interpretações”. Quando se enfatiza sobre “que tipo de escola queremos” e “que tipo de alunos almejamos”, a resposta é sempre uma escola democrática e um aluno crítico, participativo e atuante socialmente e, para que isto se concretize, precisamos usar metodologias que abram cada vez mais espaço, para que o aluno tenha oportunidade de se expressar e de dialogar na troca de informações (BINI; PABIS, 2008, p. 6).

A fim de criar o espaço da discussão citado pelos autores e conseqüente motivação, o educando precisa sentir confiança na pessoa do professor e seguro na sua liberdade de criação. Segundo Torre (apud KNÜPPE, 2006) “a motivação escolar é algo complexo”, porém existem alternativas para recuperar o interesse pela escola e pelos estudos. Entretanto, para Knüppe (2006), “a motivação é a energia psíquica do ser humano”. Portanto, é todo processo que leva as pessoas a fazer determinadas ações para alcançar seus objetivos.

Mesmo tendo diferentes abordagens teóricas sobre motivação, cito aqui a teoria da autodeterminação considerada como “uma necessidade humana inata” (ALCARÁ, 2005). A autora propõe que

a Teoria da Autodeterminação propõe três necessidades psicológicas fundamentais para o desenvolvimento de orientações motivacionais autodeterminadas: a) *necessidade de autonomia* (as pessoas acreditam naturalmente que são capazes de realizar uma atividade por vontade própria e não por pressões externas); b) *necessidade de competência* (capacidade da pessoa interagir satisfatoriamente com o seu meio); c) *necessidade de pertencer ou de estabelecer vínculos* (percepção de pertencer ou de fazer parte) (ALCARÁ, 2005, p.01).

Knüppe (2006), distingue os dois tipos de motivação como sendo intrínseca e extrínseca. A motivação intrínseca está ligada ao interesse da própria atividade, enquanto que a motivação extrínseca está relacionada às rotinas que vamos aprendendo com o passar do tempo. Pode-se dizer que a motivação extrínseca é aquela que vem de fora e está relacionada ao ter.

Como no processo ensino aprendizagem, deve haver interação entre professor e aluno no ambiente sala de aula, esta interação pode favorecer o estabelecimento de vínculos seguros. Esses vínculos se constroem a partir da disponibilidade, intencionalidade e interesse do professor em satisfazer as necessidades de seus alunos. Para isso, o professor precisa ter metas e objetivos, para então estar preparado para motivar seus alunos a buscar alternativas que visem alcançá-los. “As metas são desencadeadoras da conduta motivada, formam parte do núcleo” o que é imprescindível para que uma ação possa ser considerada motivada ou não (KNÜPPE, 2006).

A desmotivação por parte dos alunos em sala de aula gera evasão escolar. Aliado a isso, agrega-se que os casos de repetência nas escolas públicas decorrem da falta de interesse pelos estudos ou pela opção dos alunos de trabalhar ao invés de estudar. A motivação ou a sua falta se explica pelo fato de que normalmente os alunos se movem para coisas diferentes das que pretendem seus professores. A

questão dos conteúdos programáticos é outro fator que auxilia a desmotivação, já que o professor precisa trabalhar o conteúdo que está no programa. Desta forma, acontece a simples transmissão de conteúdos fragmentados que é chamado por Morin (2002) de cabeça bem cheia. Isso pode ser o resultado da transmissão de informações desarticuladas.

A falta de motivação também pode ser percebida nos professores, que podem causar desmotivação nos estudantes. Em qualquer situação, a motivação do professor vai ao encontro da motivação dos alunos, já que a percepção de que motivar os alunos é importante, se baseia no compromisso com a educação. Outro fator que acelera a desmotivação é que os pais sobrecarregam os filhos com outras atividades no turno inverso e, na hora de ir para a escola, já estão cansados.

Outro fator predominante para aprender é a autoestima. A escola e a família devem estar em sintonia, pois contribuem para a formação de futuros profissionais como: políticos, empresários, professores entre outros. É através da consciência crítica e da vivência de valores que nos tornamos pessoas responsáveis por buscar nossos próprios objetivos. A autoestima consiste

na confiança em nossa capacidade para pensar e enfrentar os desafios da vida; na confiança em nosso direito de ser feliz; na sensação de sermos merecedores, dignos, qualificados para expressar nossas necessidades e desejos e desfrutar os resultados de nossos esforços; no amor próprio, na forma como cuidamos de nós mesmos, de nossa saúde e de nossos relacionamentos e como administramos nossa vida; na capacidade de termos vínculos sadios com as pessoas e com as coisas (CORSI; BASSO; FECCHIO, 2004, p. 172).

Uma autoestima saudável é a base do sucesso, da satisfação em querer aprender e viver. O aluno, com uma autoestima elevada, desperta o desejo em aprender e motivado, sente-se atraído à escola. A criatividade é outro fator que seduz o aluno e não é suficiente querer fazer isso em algumas aulas, já que deve ser uma atividade constante. Para isto, os professores precisam ter coragem de ousar e buscar alternativas para sua realização pessoal, embora, muitas vezes, há tendência à desistência porque as tentativas fracassam. É importante persistir, pois só assim se consegue o sucesso.

Shinyashiki (1997, p. 21), em seu livro “O Sucesso é Ser Feliz”, nos diz que

a luta pela sobrevivência está brutalizando o ser humano. As pessoas vivem extremamente pressionadas. A competição tem servido como justificativa para todos os tipos de absurdo. Milhões de anos depois do homem das cavernas, a vida continua sendo um campo de batalha. As pessoas destroem seu sucesso, são agressivas e a vitória é saboreada solitariamente, devido ao medo dos adversários.

Para que a vida não seja apenas um campo de batalha, a escola pode ser o lugar onde os alunos tenham a oportunidade de resgatar valores e criar oportunidades para desenvolver o espírito crítico. Investindo em projetos que desenvolvam a autoestima, a motivação e os valores do ser humano, se pode almejar garantir um

resultado eficaz e satisfatório para professores e estudantes.

3 Ensino X Tecnologia

Educar é ter consciência de que professores e alunos precisam transformar suas vidas através do desenvolvimento de processos de aprendizagem. É uma caminhada conjunta na busca da construção da identidade, de um caminho pessoal e profissional que lhes permitam encontrar seus espaços, tornando-se cidadãos realizados e produtivos.

Na sociedade da informação estamos reaprendendo a nos comunicar; a ensinar, a aprender; a integrar o ser humano com o tecnológico. É uma mudança qualitativa numa visão inovadora que busca integrar o ser humano no processo ensino/aprendizagem.

3.1 A informação em tempos de cibercultura e hipertexto

A tecnologia digital possibilitou a reavaliação da relação escola e sociedade ao diversificar os espaços de construção do conhecimento, criando novas metodologias de aprendizagem. Além disso, proporciona uma aprendizagem instigadora e reflexiva baseada na pesquisa.

A cibercultura foi divulgada pelos visionários dos anos 60: “Engelbart (o inventor do mouse e das janelas das interfaces atuais), Licklider (o pioneiro das conferências eletrônicas) e Nelson (inventor da palavra e conceito hipertexto)” (LÉVY, 2000). Na cibercultura, segundo Ramal (2002), as condições que geraram os critérios de verdade e subjetividade mudam. A leitura e a escrita são não-lineares com redes hipertextuais constituída de múltiplas vozes, há uma inteligência coletiva em continuo movimento com produção de informações e hipertextos plásticos e em mobilidade. Trata-se de “uma ecologia cognitiva em que o conhecimento se encontra em permanente metamorfose”.

O espaço cibernético introduz a idéia de que toda leitura é uma escrita em potencial, envolvendo dois fenômenos que acontecem ao mesmo tempo: primeiro seria o potencial de todas as mensagens através da numerização (bites). Segundo seria o fato de que todas as mensagens são postas em rede, permitindo que grupos humanos em um tempo real, com diferentes fusos horários, consultem uma única memória, propiciando uma comunicação universal entre as pessoas.

O ciberespaço oferece a busca do saber de forma coletiva, numa ação simultânea de saberes, da invenção e de energia espiritual dos que estão conectados, oferecendo a socialização e o movimento de todos com todos, com o objetivo de multiplicar-se, evoluir e ultrapassar fronteiras. Além disso, o ciberespaço é uma ferramenta que organiza diferentes grupos em coletivos inteligentes, permitindo que estes possam articular-se entre si numa infraestrutura material de comunicação digital, proporcionando um saber hipertextual, interacional e transversal.

Para Ramal (2002) a informática é uma tecnologia intelectual, ao passo que a escrita e o texto impresso também o foram na época. Porém, ela traz uma nova maneira de conceber o conhecimento, de pensar e aprender. O hipertexto é

a nova maneira de comunicação e escrita de uma sociedade informatizada e uma ferramenta que media as relações de conhecimento.

De acordo ainda com a autora citada, um hipertexto, nos anos 60, indicava a ideia de escrita e leitura não lineares no sistema de informática. Atualmente, o hipertexto é “a apresentação de informações através de uma rede de nós interconectadas por links que pode ser navegada livremente pelo leitor de um modo não linear” (RAMAL, 2002). A revolução digital permite ao leitor ir além da sua interpretação, pois ele pode opinar sobre o texto, dar sua contribuição e se comunicar com a pessoa que escreveu em instantes. O digital avança etapas da leitura, deixa de lado a linearidade da escrita, enfatiza a coautoria e a cooperação textual.

Na área de ensino a tecnologia digital traz para os professores um leque de ferramentas e de possibilidades visando inovar na sala de aula. Isso não significa que as aulas devam ocorrer apenas no computador, mas sim, que sejam usadas as ferramentas disponíveis tais como: internet, programas, dicionários eletrônicos, softwares, etc, os quais facilitam a pesquisa e despertam interesse. Além disso, a tecnologia traz novos horizontes, tanto para o professor quanto para o aluno. O professor precisa saber usar a tecnologia digital, e o aluno, entender como e o que se pode fazer com ela. Trabalhar com o computador é atraente, o visual, a pesquisa é de imediata, os alunos podem ver fotos e fazer atividade sem precisar usar lápis e papel.

Além disso, a aprendizagem precisa instigar o aluno a pesquisar e isto acontece através do interesse pela descoberta. O estudante constrói e reconstrói buscando uma aprendizagem mais efetiva e parceira. Assim como a internet, que representa algo em mutação, ou seja, que está sempre em construção, reconstrução e renegociação.

4 Aprendizagem num contexto diferenciado

A educação é um ato de conhecimento e conscientização. O profissional da educação tem um compromisso com a sociedade que exige dele reflexão. A palavra sociedade indica que não é qualquer compromisso, mas sim de profissionais éticos e comprometidos com a qualidade de seu trabalho. Para Freire (1979) o agir e o refletir são condições para que o ser humano assuma um ato comprometido.

Paulo Freire define o homem como um ser comprometido, que busca através de suas ações, uma atuação seguida de reflexão. Uma vez que “profissional é atributo de homem, não posso, quando exerço um que fazer atributivo, negar o sentido profundo do que fazer substantivo e original” (FREIRE, 1979). O professor tem um compromisso profissional que deve ser assumido diretamente com o fazer pedagógico.

Imersa em uma nova cultura, a escola e os professores não podem fechar-se para o novo, mas sim, acompanhar os avanços advindos pela cultura da informática, a qual nos permite o acesso rápido à informação. Os processos tradicionais de

leitura e escrita, juntamente com as práticas escolares, estão sendo questionados pela tecnologia que atinge as formas de expressão e construção do conhecimento, ou seja, uma nova forma de ser e de relacionamento com o mundo.

A tecnologia busca para o espaço escolar a possibilidade de um diálogo entre vozes diferentes com troca de sentidos, com edificação coletiva do pensamento, com dinamismo, criatividade, cooperação, interação entre indivíduos e a possibilidade de ampliar a capacidade cognitiva como instrumento a serviço do homem.

Os modelos escolares marcados pela rigidez, pelo endurecimento, pela fragmentação e pela falta de espaço para a autonomia e a criação reduzem os envolvidos no processo educativo a meros objetos de uma informação, em vez de permitirem que se tornem sujeitos da comunicação (RAMAL, 2002, p. 19).

O aprendiz não pode ser visto como uma tabula rasa ou um *unwriting* paper que se faz necessário preencher. Ao chegar à sala de aula o aluno já traz consigo conhecimentos de língua estrangeira, mesmo que superficial, pois eles vêem palavras em Inglês em jogos, na televisão, nos eletrodomésticos e em expressões misturadas no Português. O aluno chega à escola com esse conhecimento e é na interlocução deste saber que se faz educação. O aprender acontece enquanto há construção dos saberes anteriores, dando a eles vida nova e novos significados. O professor deve ativar a curiosidade que está na base dos novos saberes, os quais nutrem a vida humana. Cada aluno tem uma maneira diferente de aprender, nenhum aprende igual e todos têm a sua maneira particular.

Positivamente, a tecnologia traça um caminho promissor. Ela pode estar “centrada no aluno que pode intermediar o rompimento causado pela necessidade de padronizar a maneira pela qual a escola ensina e testa em comparação com a necessidade de customizar aquilo que os estudantes aprendem” (CHRISTENSEN, 2009).

O chamado livro texto, ou melhor, livro didático, impede que o professor inove suas aulas, já que o fato de ter a aula quase que pronta, gera acomodação. Sabe-se também, que as escolas seguem um currículo padronizado e que mudanças neste currículo exigiriam alterações no processo de admissão e testes. Mas não é por esse motivo que o professor deve ficar amarrado ao conteúdo, mas se ensina conteúdo de maneira diferente, o que pode fazer a diferença na aprendizagem.

4.1 Aprendizagem de língua estrangeira sob o paradigma conexcionista

O conexionismo é uma das linhas de pesquisa que tem por objetivo investigar a possibilidade de simulação de comportamentos inteligentes através de modelos baseados na estrutura e funcionamento do cérebro humano. O ser humano tem inteligência e esta precisa ser explorada de maneira criativa, até porque já foi mencionado antes que se aprende de maneira diferente. Também é chamado “o novo paradigma” e as origens da teoria conexcionista surgiram nas décadas de 50 e 60, porém, não teve muito êxito na época e ressurgiu nos anos 80 devido ao

grande avanço na área tecnológica.

Para o conexionismo, a aquisição do conhecimento e os processos mentais são atividades físico-químicas das sinapses do cérebro em funcionamento. As informações são armazenadas através de processos de ativação de redes neuroniais, deste modo, quanto mais ativa estiver nossa mente no momento de armazenar ou recuperar algo, mais chances de assimilarmos ou recuperarmos a informação. Conforme afirma Rossa é

através das redes neuroniais, as quais promovem a modificação física, química e estrutural dos neurônios envolvidos no processo, que há o armazenamento de informações, o que ajuda a explicar o fenômeno da memória. [...] o armazenamento das informações ocorre de duas maneiras: através da repetição do estímulo, o que causa facilitação sináptica, ou por ação de um estímulo único, mas de grande intensidade (ROSSA, 2004, p. 27).

Numa visão conexionista, pode-se dizer que é o input que atua na aprendizagem de uma criança e o output é a organização dessa informação linguística. A aquisição de uma língua estrangeira ocorre quando as crianças usam capacidades cognitivas na aprendizagem de língua que estão presentes no input. Acredita-se que o ambiente onde a criança está inserido na aprendizagem de língua estrangeira influencia na organização da informação na rede de memória. A exposição a diferentes estímulos facilita o bom desempenho da aprendizagem de uma língua, o que é reforçado por Mota e Zimmer que afirmam que

As contribuições feitas pelo paradigma conexionista à aprendizagem da L2 residem precisamente no fato de esse paradigma mudar o foco da estrutura para o processamento. Ou seja, em vez de enfatizar o papel de estruturas como a memória de trabalho na aprendizagem da L2, os pesquisadores conexionistas investigam como os aprendizes da L2 processam a informação linguística, abordando conjuntamente o conhecimento linguístico e o processamento do insumo da L2 e da L1 na pesquisa em L2 (MOTA; ZIMMER, 2005, p. 177).

A repetição de experiências de aprendizagem é um incremento na força das conexões, sendo assim, a teoria conexionista reforça a ideia de que somos capazes de realizar diferentes tarefas, a fim de alcançar os objetivos desejados. O nosso cérebro tem uma capacidade genética para aprender, por isso ele precisa ser estimulado para a produção da autonomia cognitiva, que também é reforçado por Mota e Zimmer (2005) através do processamento da informação, já que

no cérebro, que se dá através de redes neuroniais – cujas células nervosas, os neurônios, comunicam-se umas com as outras através da transmissão de impulsos elétricos. Um princípio básico do conexionismo é que a maioria das redes neuroniais do cérebro, senão todas, passa por mudanças sutis que ocorrem nas sinapses entre os neurônios. Ao estimular certos subconjuntos de neurônios com mais frequência do que outros, as experiências de mundo dos indivíduos vão reforçando certas sinapses e tornando alguns padrões de atividades elétricas mais fortemente impressos do que outros. Esses padrões formariam a base da memória e do aprendizado (MOTA; ZIMMER, 2005, p.165).

O paradigma conexcionista traz uma nova perspectiva para a aprendizagem de língua estrangeira porque a aprendizagem está diretamente ligada a mudanças nas conexões neuronais, o que é reforçado por Lied (2001) quando diz que o paradigma conexcionista auxilia na explicação de inferências linguísticas e nas atividades de aquisição de código escrito e de tradução. Portanto, o ensino, a aprendizagem e a tecnologia digital atrelados ao paradigma conexcionista apresentam co-relações relevantes para um desempenho motivacional e significativo para o aluno e professor.

4.2 O uso da tecnologia digital como ferramenta auxiliar na aprendizagem

A tecnologia está presente no contexto social como uma forma de inclusão e disseminação da informação. A era digital, de fato apresenta um avanço na diversificação dos métodos de ensino, entretanto, ainda está um pouco distante para se alcançar objetivos imediatos. Vivemos dois extremos da realidade à frente do mundo desenvolvido, onde há escolas públicas que disponibiliza laboratório de informática e escolas que ainda não o disponibilizam. Dentre os vários problemas enfrentados se pode citar: a falta de monitores habilitados para trabalhar nos laboratórios, alunos não habilitados para manusear o computador e que ainda desconhecem o uso da tecnologia para a aquisição da aprendizagem, laboratórios com equipamentos antigos e ou estragados, alunos que utilizam o computador apenas para acessar MSN e orkut ou ainda salas de informática fechadas porque os professores não sabem utilizar da tecnologia.

Sabe-se que além de ter sala de informática, se faz necessário ter professores que usem e saibam planejar suas aulas com a tecnologia digital como uma forma de ensinar e aprender. Não basta usar a sala de informática para ensinar usando a metodologia tradicional. Neste caso seria apenas uma troca, ou seja, se antes os alunos trabalhavam em pesquisa, utilizando textos como referência, agora se utiliza processador de texto on-line.

Uma ruptura no processo de ensino se faz necessária como mostra uma pesquisa feita nos Estados Unidos, onde havia um computador para 125 estudantes em 1981. Já em 2000 havia um computador para cada cinco estudantes. “Ao longo das duas últimas décadas, as escolas gastaram mais de US\$ 60 bilhões para equipar suas salas de aula com computadores” (CHRISTENSEN, 2009). Mesmo com grande investimento, há relatos que demonstram que o uso dos computadores ainda é como uma ferramenta para ver um tópico da aula e não como um processador de informação e busca constante de informação.

Pouco adianta fazer investimentos em computadores, se os professores não os usam em suas aulas. O pouco uso dos computadores na aprendizagem dos alunos nos EUA é semelhante no Brasil. Sugere-se que isso deriva da falta de conhecimento do uso da tecnologia digital, da falta de tempo em preparar ou pesquisar sua aula ou até por ter turmas grandes e não ter computadores suficientes no laboratório. Às vezes, o computador é usado para proporcionar momentos interativos na aula, como por exemplo, jogos, testes, atividades, etc. O aluno, porém, não vem para a

escola “jogar jogos” porque isso pode ser feito em casa ou numa *lan house*. Ele vem para a escola para aprender, construir seu conhecimento, interagir com os colegas e criar suas hipóteses sobre o conteúdo que está aprendendo.

O autor Christensen (2009), aponta a pesquisa sobre esse tema relatando que os computadores no ensino fundamental servem como apoio para o modelo tradicional. No computador os alunos acessam jogos matemáticos que não superam o ensino tradicional, pelo contrário, eles reforçam uma atividade suplementar do modelo existente. Quanto ao ensino médio, os dados não são muito diferentes já que os alunos relatam que os computadores não tiveram muito impacto sobre a aprendizagem. Os estudantes utilizam a tecnologia digital para fazer pesquisas, jogar jogos e processamento de textos.

Infelizmente, os computadores, para o autor citado acima, não influenciaram as práticas de ensino centradas no aluno. Há escolas que ensinam o método tradicional com o uso de computadores, sem inovação, bem como, há um grande número de professores que ainda não sabem trabalhar com a tecnologia digital.

Utilizar o computador como uma metodologia de aprendizagem, é utilizar a tecnologia como uma forma de aprender centrada no aluno, já que o aprendizado com computadores oferece melhores resultados entre os alunos motivados. Com tantas mudanças tecnológicas acontecendo, é preciso que os educadores estejam envolvidos nesta aceitação, buscando alternativas para acompanhar o desencadear das mudanças, desempenhando o papel de orientador e permitindo que os alunos aprendam de acordo com o alinhamento dos seus cérebros em relação ao aprendizado.

5 Dados que evidenciam a necessidade de re-avaliação do uso da tecnologia digital nas escolas

Grande parte das escolas estaduais dispõem de laboratórios de computadores com internet para que seus alunos acessem a informação e realizem pesquisas. Da mesma forma que os computadores podem ser usados de forma direta para a aprendizagem nas disciplinas. Porém, isso não vem acontecendo de forma positiva. A fim de verificar isso com mais precisão foi realizado um trabalho de observação, no segundo semestre de 2008, em uma escola no Vale do Taquari, a fim de verificar se os alunos utilizam a tecnologia digital como ferramenta para a aprendizagem de Língua estrangeira.

A escola em estudo tem um laboratório de informática o qual está disponível para os estudantes, duas vezes por semana. Na sala de informática há treze computadores, um deles está estragado e outro não conecta internet. As demais máquinas são semi-novas, alguns mouses são antigos e outros são novos. A pessoa que trabalha no laboratório carece de conhecimentos de informática.

A sala não dispõe de espaço suficiente para turmas grandes, por isso os alunos se organizam em duplas, trios e até em quartetos para trabalhar com um computador. A quantidade de alunos por computador depende de quantos equipamentos de informática estão em funcionamento porque alguns computadores

podem estar no concerto.

Como os alunos desta escola provêm tanto da zona rural como da zona urbana, alguns alunos da zona rural carecem de conhecimentos quanto ao uso do computador, como ligar o CPU, manusear o mouse, acessar ícones da tela, internet e fazer pesquisa. Enquanto que os alunos da zona urbana conhecem o computador, sabem usá-lo, fazem pesquisa, mas a finalidade maior do uso do computador se limita a acessar MSN e orkut.

No grupo em estudo o computador é muito pouco usado como ferramenta de aprendizagem. Observando aulas de língua estrangeira, o dicionário on-line é mais usado para traduzir palavras e textos, do que consulta de vocabulário. Os alunos sentem dificuldades em entender as tarefas e logo desistem. Por isso o professor é peça importante neste momento para motivar à pesquisa e à aprendizagem.

Três aulas de língua estrangeira desenvolvidas na sala de informática foram observadas. No primeiro dia de observação foi disponibilizado aos alunos uma aula interativa com o computador e acesso a internet. Vários acontecimentos marcaram a observação como ao acessar um dicionário em inglês os alunos sentiram dificuldades para navegar na página. Após algumas tentativas e ajudas, conseguiram acessar e interagir com o dicionário, o que muitos alunos acharam interessante porque era ilustrativo. Alguns alunos saíram da sala porque não tinham paciência com a máquina porque saíam da página, clicavam no ícone errado, o mouse não colaborava e o processamento do computador muito lento. Muitos alunos se negaram a manusear o computador. Outro problema foi que metade dos computadores estava sem caixa de som e os que tinham, o som estava baixo. O acesso à internet também foi um problema, pois muitas vezes o sistema estava lento e ou não conectava. Os alunos ficaram dois períodos na sala de informática, tempo suficiente para fazer uma atividade, porém esta não foi finalizada por completo por motivos técnicos.

Na segunda aula, percebeu-se que os alunos já estavam mais familiarizados com o computador, mas ainda sentiram algumas dificuldades ao realizar uma atividade no processador de textos. Os alunos provenientes da zona rural digitavam os textos procurando as letras e não conheciam as funções das teclas no teclado. Em dois períodos não conseguiram terminar a atividade, enquanto que os alunos da zona urbana, já tinham terminado e queriam outras atividades.

Na terceira aula percebeu-se que o computador não era mais novidade, pois mesmo sentindo um pouco de dificuldade, um aluno ajudava o outro, coisa que não se percebeu nas primeiras observações. Neste dia, a internet estava lenta e quatro computadores estavam na reforma, mas os alunos conseguiram realizar as atividades, ajudando-se mutuamente acharam a atividade interessante, vibravam ao fazê-la e estavam mais familiarizados com a máquina.

Trabalhar com o computador é uma tarefa desafiadora, mas requer experiência. Vários pontos positivos foram observados como: a alegria dos alunos que vibravam nas atividades, a ajuda mútua, interesse e até motivação em querer saber mais. Da mesma forma, pontos negativos foram observados como: a falta de um monitor com conhecimentos de informática, a falta de conhecimento por parte dos alunos,

a internet lenta, os equipamentos de informática deficitários, cansaço nos olhos dos alunos e dores nas costas. Outro ponto negativo é que os alunos da zona rural não têm acesso ao computador em casa e não o tendo, apresentam dificuldades em trabalhar. Já os alunos da zona urbana, só sabem usar o computador para o MSN, orkut, blog de fotos, músicas. Para o desenvolvimento de pesquisa, leitura de artigos, busca de livros para a literatura, ler o jornal e conhecimentos no geral o computador ainda é pouco utilizado.

6 Conclusão

O professor desempenha um papel importante no aluno que busca obter uma aprendizagem significativa de língua estrangeira. Ele pode influenciar o aluno quanto as suas habilidades, conhecimentos e atitudes, facilitando o processo de formação. Quanto mais consciente o professor estiver em relação à motivação do aluno em sala de aula, melhor será sua aprendizagem de língua estrangeira. Devemos ter presente que os alunos precisam ser motivados para tarefas árduas, significativas, desafiadoras e que nem sempre serão prazerosas. A fim de tornar essas atividades atraentes, é preciso que o professor domine uma variedade de técnicas e saiba usá-las com flexibilidade e criatividade. De fato, se as atividades forem tediosas, repetitivas, com cobrança e esforço excessivo, os alunos não se sentirão motivados extrinsecamente nem intrinsecamente como proposto por Knüppe (2006).

A motivação sempre será discutida, repensada e avaliada porque é um pré-requisito para a aprendizagem. Sem motivação não acontece aprendizagem, por isso as ações do professor precisam estar voltadas a atender as expectativas dos educandos. Portanto o professor precisa ser um pesquisador e estar constantemente refletindo sobre sua prática pedagógica, a fim de compreender e interpretar as diferenças no contexto em que os alunos estão inseridos.

É preciso despertar a curiosidade em querer aprender, sendo assim, as aulas precisam despertar o interesse, motivar e cativar os alunos, a fim de ocorrer o reforço das sinapses proposto por Lied (2000). O fazer pedagógico e a didática utilizada devem ser questões importantes a serem observadas na hora de preparar as aulas. Os educadores têm que repensar sua metodologia, pois se as aulas são cativantes e motivadoras, os alunos terão gosto pelo conteúdo que aprendem.

A internet pode ser considerada um recurso adicional no processo ensino aprendizagem, para isso, é preciso ter corpo docente especializado. Não basta ir ao laboratório de informática fazer qualquer atividade, mas é preciso mostrar e ensinar aos alunos o que podemos fazer com uma ferramenta tão diferente. É preciso motivá-los para o trabalho em grupo, despertar o interesse em aprender na cooperação e ajuda mútua. Infelizmente, as escolas têm laboratório de informática, mas não têm recurso humano habilitado para auxiliar no trabalho. Além disso, os professores ainda não estão preparados para essa nova ferramenta, o que pode ser sanado oferecendo cursos e especializações relacionadas à tecnologia.

Neste caso, os professores capacitados estariam dando uma chance para si próprios de ultrapassarem os métodos tradicionais da sala de aula. Conceituada por Ramal (2002) como a tecnologia intelectual, ao utilizar a tecnologia digital, o

professor instiga os alunos à descoberta constante, criando possibilidades de ampliar a visão de mundo. Isto, não dispensaria o professor, pois ele seria o orientador desta ferramenta.

Para que o professor, juntamente com seus alunos, aproveite o máximo desta ferramenta, é preciso que ele conheça o perfil de seus alunos – gostos, dificuldades - verificando se eles têm um computador ou internet em casa. Também, cabe ao professor promover discussões com temas variados, os quais instiguem o aluno a ler e pesquisar. Este seria o passo inicial para facilitar os primeiros contatos com a tecnologia digital em sala de aula, na escola. Além disto, é preciso que o professor acompanhe as atividades e que estas tenham objetivos claros.

Qualquer disciplina pode ser trabalhada com o auxílio da tecnologia e o ensino de língua estrangeira ganha um patamar privilegiado nas situações reais do uso do idioma, uma vez que quase todos os sites apresentam conteúdos escritos em inglês. Além disto, podem ser trabalhadas as quatro habilidades leitura, fala, audição e escrita bem como conhecer a cultura dos países falantes da língua estrangeira.

A tecnologia digital traz para o professor diferentes oportunidades de aprendizagem, motivando os estudantes a aprenderem em cooperação, interação e desenvolvendo o gosto pela pesquisa. Desta forma, é preciso que os professores estejam em constante aperfeiçoamento para que busquem maneiras diferentes de ensinar, o que é reforçado pela teoria Conexionista, através da força das conexões, proposta por [Mota e Zimmer](#) (2005).

Sabe-se que muitas mudanças precisam ocorrer para alcançar objetivos imediatos na questão da aprendizagem de uma língua estrangeira com o auxílio da tecnologia digital. Seu uso amplifica, modifica e exterioriza funções cognitivas como a memória, o raciocínio, a imaginação, promovendo uma aprendizagem interativa, coletiva e personalizada, num contexto onde o professor é o animador e orientador, mais do que fornecedor de conhecimentos. Este estudo sugere um posterior aprofundamento a fim de verificar detalhadamente às causas e alternativas de superação, solução e amenização dos problemas apresentados.

Salienta-se ainda que o aluno precisa estar envolvido no processo de aprendizagem, através da necessidade de instigar o aluno ser um pesquisador. A fim de obter bons resultados em níveis de aprendizagem de uma escola deve-se observar como é o fazer pedagógico, na sala de aula. Uma escola onde o professor seja único transmissor de conhecimento, sem oportunizar questionamentos ou manifestações dos alunos, não se promove aprendizagem interativa e significativa. A aprendizagem ocorre na sala de aula energizada, onde os alunos e o professor aprendem juntos, os alunos questionam, pesquisam, refletem, buscam alternativas para a construção do conhecimento mútuo. O método usado pelo professor em suas aulas faz a diferença e o interesse do aluno em aprender também. Ser professor no século XXI é um desafio perante tantas mudanças globais e tecnológicas que vêm acontecendo, mas

não é impossível, basta ter objetivos, estar aberto às mudanças e estar em constante atualização pessoal e profissional.

Referências

ANTUNES, Celso. **Relações interpessoais e auto-estima: a sala de aula como um espaço do crescimento integral**, Petrópolis, Rio de Janeiro: Vozes, 2003. (Fascículo 16).

ALCARÁ, Adriana R. **Implicações da Motivação no Processo de Aprendizagem Escolar**. Disponível em: <<http://www.2.uel.br/pessoal/berbel/conversas/ARTIGOS/2005ARA.doc>>. Acesso em: 12 abr. 2009. ① ②

BINI, Luci R.; PABIS, Nelsi. Motivação ou interesse do aluno em sala de aula e a relação com atitudes consideradas indisciplinadas. **Revista eletrônica lato sensu**. ano 3, n. 1, março 2008. Disponível em: <http://www.web03.unicentro.br/especializacao/Revista_Pos/Páginas/3%20Edição/Humanas/PDF/23-Ed3_CH-MotivacaoIn.pdf>. Acesso em: 12 abr. 2009. ①

BOHRZ, Rafaela. **O uso da Internet no ensino de Língua Inglesa**. Disponível em: <<http://www.webartigos.com/articles/8959/1/o-uso-da-internet-no-ensino-de-lingua-inglesa/pagina1.html>>. Acesso em: 12 abr. 2009.

CHRISTENSEN, Clayton M. et al **Inovação na sala de aula: Como a inovação de ruptura muda a forma de aprender/** Porto Alegre: Bookman, 2009. (Tradução Raul Rubenic). ① ② ③

CORSI, Sueli. E.; BASSO, Patricia. D.; FECHIO, Miguel. Motivação em Sala de Aula. **Akrópolis**, v. 12, n. 3, jul./set. 2004. Disponível em: <<http://revistas.unipar.br/akropolis, Umuarama/article/view/415/380>>. Acesso em: 12 abr. 2009. ①

FREIRE, Paulo. **Educação e mudança**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1979. (Coleção Educação e Mudança, v. 1. Tradução de Moacir Gadotti e Lílían Lopes Martin). ① ②

HUERTAS, Jose A. **Motivación: querer aprender**. Buenos Aires: Aique, 2001.

KUNÜPPE, Luciane. Motivação e desmotivação: desafio para as professoras do Ensino Fundamental. **Educar**. Curitiba, n. 27, p. 277-290, 2006. Disponível em: <<http://www.calvados.c3sl.ufpr.br/ojs2/index.php/educar/article/viewFile/6479/4664>>. Acesso em: 12 abr. 2009.

LÉVY, Pierre. **Ciberespaço: um hipertexto com Pierre Lévy**. Porto Alegre: Artes e Ofícios, 2000. ①

LIED, Justina F. Conhecimento uma visão conexcionista. **Signos**, Lajeado, ano 22, n. 1 p. 97-111, 2001. ①

_____. **Reflections on teaching English and student's motivation**. Lajeado: Univates, 2002.

_____. **Alterações de fala do professor de Língua Inglesa relativa à motivação dos alunos para a aprendizagem da língua**. Porto Alegre: PUCRS, 2000. ①

MARQUES, Mario O. **A escola no computador: linguagens rearticuladas, educação outra**. Ijuí: Unijuí, 1999.

MENEZES, Vera. **Modelo conexcionista**. Disponível em: <<http://www.veramenezes.com/conexionismo>>. Acesso em: 12 abr. 2009.

MERCADO, Luis P. L. **A Internet como Ambiente Auxiliar do Professor no Processo Ensino-Aprendizagem**. 19, Jun., 2001. Disponível em: <<http://www.sm.dei.uc.pt/ribie/docfiles/txt200372917565paper-303.pdf>> . Acesso em: 12 dez. 2008.

MORIN, Edgar. **A cabeça bem-feita: repensar a reforma, reformar o pensamento**. 7. ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2002. ①

MOTA, Mailce.; ZIMMER, Marcia. C. Cognição e aprendizagem de L2: o que nos diz a pesquisa nos paradigmas simbólico e conexcionista. **Rev. Brasileira de Linguística Aplicada**, 156, v. 5, n. 2, 2005. Disponível em: <http://www.lettras.ufmg.br/rbla/2005_2/07%20resumo.pdf>. Acesso em: 25 abr. 2009. ① ② ③

PERRENOUD, Philippe. **10 novas competência para ensinar**. São Paulo: Artmed, 1994.

POZO, Juan I. **Aprendizes e mestres: a nova cultura da aprendizagem**. Porto Alegre: Artmed, 2002.

RAMAL, Andrea C. **Educação na cibercultura: hipertextualidade, leitura, escrita e aprendizagem**. Porto Alegre: Artmed, 2002. ① ② ③ ④ ⑤

ROSSA, Adriana. ROSSA, Carlos. **Rumo à psicolinguística conexcionista**. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2004. ①

SHINYASHIKI, Roberto. **O sucesso é ser feliz**. São Paulo: Gente, 1997. ①

ZIMMER, Marcia C.; ALVES, Ubiratã. K. A desonorização terminal na aprendizagem da L2: evidências do continuum fonética-fonologia. **Letras de Hoje**. Porto Alegre, v. 42, n. 3, p. 56-68, setembro 2007. Disponível em: <<http://www.revistaseletronicas.pucrs.br/ojs/index.php/fale/article/view/2791/2128>>. Acesso em: 26 abr. 2009.